

MOTHÉ, Daniel, *L'utopie du temps libre*. Paris: Éditions Esprit, 1997 (Série Sociétés), 108 p.

Valquíria Padilha¹

Resumo: este livro, que o próprio autor considera irreverente, pretende mostrar que o mundo proposto pela utopia do tempo livre é reservado aos ricos e à classe média dos países ricos, sendo que os pobres ficam privados dela. Para que a civilização do lazer viesse para todos, seria preciso diminuir as desigualdades sociais, afirma Daniel Mothé.

Este livro, que o próprio autor considera irreverente, pretende mostrar que o mundo proposto pela utopia do tempo livre é reservado aos ricos e à classe média dos países ricos, sendo que os pobres ficam privados dela. Para que a civilização do lazer viesse para todos, seria preciso diminuir as desigualdades sociais, afirma Daniel Mothé, antigo operário militante que se tornou sociólogo e pesquisador do CNRS², na França.

O autor, na contra-corrente dos pensadores atuais, desenvolve sua crítica aos teóricos liberais ao negarem a política que considera o bem comum como prioritário e ao considerarem a livre escolha como forma de desenvolvimento pessoal e social. Mas Mothé também polemiza com os autores que ele denomina de utopistas, como os franceses André Gorz e Guy Aznar, que acreditam na criação de uma sociedade onde o espaço de liberdade fora do trabalho seria decisivo para permitir ao indivíduo tornar-se autônomo e criativo.

O mundo do trabalho

Mothé parte da análise do mundo do trabalho que, segundo ele, está doente e o nome da doença é desemprego. Mas, a cura, como muitas pessoas pensam, não é o aumento do tempo livre. Esta é a utopia que o autor procura combater ao longo de seu livro. A sociedade do trabalho é desigual, mas a sociedade do tempo livre reflete esta desigualdade. É preciso, diz Mothé, que o tempo livre não se reduza ao mercado privado sob pena de reforçar as desigualdades sociais. Nesse sentido, de nada adianta lutar por um aumento quantitativo de tempo livre se não se pensar na melhora qualitativa do uso desse tempo.

O autor faz uma crítica à heteronomia do trabalho, mas salienta que não devemos mais ver o trabalho de hoje como era nos séculos passados. Para imaginar uma outra sociedade, é preciso compreender a nova configuração do trabalho. Mothé lembra que Marx via a realização pessoal na relação social, sendo que a consciência de classe só poderia surgir nas relações de produção. Gorz, no entanto, acredita que é enquanto indivíduo que o trabalhador vive sua subjetividade e não enquanto membro de classe. Seria, então, o indivíduo em relação consigo mesmo que sofreria as restrições à sua liberdade de criação no trabalho. Mothé contrapõe: toda atividade produtiva ou mesmo lúdica, quando vivida coletivamente, implica uma limitação da liberdade individual.

O trabalho sempre foi a ocasião da abundância de vida social. É preciso relativizar, então, o sofrimento no trabalho: há depoimentos de quem preferia trabalhar menos mas, há depoimentos de

¹ Doutora em ciências sociais na Unicamp (Universidade de Campinas), Especialista em lazer pela Unicamp. Autora do livro **Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito**, Campinas: Alínea, 2000.

² Centro Nacional de Pesquisa Científica, com sede em Paris, na França.

desempregados que preferiam trabalhar. O trabalho “mata” mas, a inatividade também. O autor salienta o caráter socializador do trabalho, já que ele é, mesmo que penoso, uma das expressões centrais da grandeza do homem. O que vale lembrar, como sugere Mothé, é que a conquista de todos os sonhos que as pessoas constroem ao longo da vida passa pelo trabalho como única maneira de adquirir poder de compra. Por isso, as principais reivindicações sindicais recaem sobre o salário. Mothé não se debruça sobre este fato que é, no livro, aparentemente tomado como natural.

Nesse sentido, os trabalhadores, os desempregados e o próprio autor acreditam que a inserção econômica e social só pode se dar pelo trabalho. Vivemos uma época contraditória em que, simultaneamente, busca-se a reintegração ao trabalho e discursos que condenam os males do trabalho e glorificam o tempo livre. Este paradoxo encerra uma polêmica: devemos lutar pelo aumento de trabalho ou pelo aumento de tempo livre?

Qual tempo livre?

O tempo livre pode ser entendido como todo o tempo passado fora do trabalho, como o tempo do sono, do repouso, das atividades domésticas, afetivas, dos lazeres e da cultura. Mas, o tempo livre também pode significar um tempo em que o indivíduo encontra-se "em pane", sem criatividade nem imaginação, um tempo em que ele percebe que não tem dinheiro. Mothé mostra pensar "à contrapelo" nas análises do tempo livre à medida que chama a atenção para o fato de que o tempo livre não é necessariamente bom, como propagam os utopistas ou os liberais – e este é, no meu entender, um dos pontos fortes de seu livro. O tempo livre pode também corresponder a momentos de tédio e as atividades propostas nem sempre satisfazem os desejos das pessoas. Mas Mothé não polemiza sobre como se dá, em nossas sociedades, a criação destes desejos nas pessoas – polêmica esta que considero fundamental no debate sobre o tempo livre nas sociedades capitalistas.

O tempo livre não traz necessariamente uma melhora na afetividade das pessoas. Não há nenhuma razão, segundo Mothé, para excluir a hipótese de que o tempo livre possa permitir o desenvolvimento da conflitualidade e do ódio mais do que o amor. Por acreditar nisso, o autor defende não um aumento do tempo livre mas novas atividades fora do trabalho.

Um dos maiores problemas apontados pelo autor sobre o aumento do tempo livre é que as pessoas rendem-se à mídia, especialmente à televisão. A televisão é a atividade principal dos que dispõem de mais tempo livre e de uma menor renda assim como de um "nível de cultura" mais frágil, ou seja, de uma camada considerável da população. Nas grandes cidades, só resta a televisão como diversão gratuita e popular. A televisão não exige esforço intelectual, mostrando que existe uma tendência de individualização e não de socialização dos lazeres.

Não se trata aqui de lamentar o passado mas, de compreender que não é por falta de tempo que os indivíduos não se socializam e ficam solitários: é porque as técnicas lúdicas disponíveis exercem preponderância sobre as escolhas individuais (p.59).³

³ Todas as citações que aparecem neste texto são de livre tradução minha.

A televisão não provoca nos telespectadores nenhum desejo de se envolver nas ações políticas públicas ou cívicas. Para o autor – que não menciona, mas que demonstra comungar das análises feitas sobre indústria cultural, pelos teóricos da chamada *Escola de Frankfurt* –, estamos testemunhando uma industrialização do lazer e do divertimento que procura preencher o vazio da diminuição do trabalho, visando o rendimento de certas empresas. A mercantilização dos produtos de diversão favorecem o individualismo em detrimento dos produtos socializantes cujo acesso se restringe aos ricos. Mothé acredita que o mercado acaba favorecendo o acesso ao lazer e à cultura apenas aos mais ricos, os quais, por sua vez, teriam mais condições de socialização. O autor apresenta, no meu entender, uma visão reducionista de lazer e de cultura, já que considera lazer e cultura como sendo tudo aquilo que os ricos podem ter. Ele não pensa em cultura de forma mais ampla, como um processo de construção social do qual todos participam. Outro problema que destacaria neste livro é que Mothé também não chega a problematizar que tipo de socialização é essa que os ricos podem viver porque podem consumir lazer e cultura. Pergunto, então: Pobre não tem vida social porque não tem dinheiro? A socialização passa pela posse de bens materiais? Que socialização é essa? Diria que faltou ao autor uma visualização mais crítica desta questão.

Em várias passagens do seu livro, Mothé demonstra que os mais pobres têm um déficit cultural e artístico e que os mais ricos são privilegiados por terem acesso aos bens culturais. Fica uma dúvida: De que cultura estamos falando? Que déficit seria esse? O autor afirma que quanto mais pobre é a pessoa, mais empobrecido é o seu lazer. Mas, isso significa que os ricos gozam de um lazer melhor? Que pobre não tem cultura? O que garante que o lazer dos ricos não é alienado? O que garante que óperas, quadros, cinemas, livros, viagens sejam a melhor forma de cultura, um modelo que os pobres deveriam imitar? O que prova, como sugere o autor, que os pobres se vêem presos ao lazer-mercadoria e os ricos não? Equivoca-se o autor, no meu entender, mesmo que ele demonstre boas intenções e avance consideravelmente, em relação a outros teóricos ao criticar as desigualdades sociais entre ricos de um lado e pobres de outro.

É preciso reconhecer que Mothé contribui muito ao debate sobre tempo livre quando lembra que ele pode ser um fator de desigualdade social. Mothé aponta dados que mostram não a carência de desejos e sim a carência de recursos financeiros para atingi-los. “*Quando fala-se de tempo livre, evoca-se tempos diferentes conforme as rendas e os níveis de cultura, pois o tempo livre não é o mesmo para todos.*” (p.67) O autor pergunta: para um cidadão que vive na cidade onde tudo é pago – habitação, luz, água, gás, transporte, direito de estacionar, etc. – uma civilização do tempo livre sem dinheiro é uma civilização tão espetacular como nos é prometido?

O fato é que a maioria das pessoas hoje aspira aumentar sua capacidade de consumo. Pode-se pensar ainda que durante o tempo livre as pessoas são influenciadas pela publicidade. Então, os que não têm tempo disponível consomem menos. A máquina publicitária só age no tempo livre das pessoas e não no tempo de trabalho. “*Com o aumento do tempo livre, o capitalismo, máquina de criar novas necessidades, continuará a aumentar sua composição publicitária para fígar os consumidores.*” (p.70) A publicidade ajuda a propagar uma ideologia fordista de que o consumo compensa os trabalhadores pelos sacrifícios do trabalho. Por conta desta ideologia, o trabalho seria algo desejável e necessário. Então, os trabalhadores se dedicam mais ao trabalho visando aumentar o seu consumo pessoal.

Mothé questiona Gorz que acredita que as pessoas que se virem livres deste consumo compensatório que o trabalho exige, iriam fazer escolhas diferentes na prática do lazer. Mothé tem razão ao criticá-lo, pois

crê num poder mágico do tempo livre como se as pessoas fossem capazes de transformar-se naturalmente por terem seu tempo livre ampliado. No entanto, nem Gorz nem Mothé visualizam a lógica totalizadora do capital que não atinge apenas o tempo de trabalho mas, também, o tempo livre. É esta a explicação mais convincente, no meu entender, para o fato de que o tempo livre não é um remédio que cura os males do trabalho. Proponho uma provocação: Por que os indivíduos seriam livres fora do trabalho se a lógica que rege o trabalho é a mesma que rege o tempo livre? Mothé não avança suas críticas nesta direção, o que torna seu livro instigante mas, em certa medida, insuficiente.

O autor defende, durante todo o seu livro, que caberia ao Estado regular a sociedade, visando diminuir as diferenças. Ele demonstra acreditar num Estado do Bem-Estar Social que nivele a sociedade com base no padrão de vida dos ricos. Para quem vive num país como a França, pode até ser coerente pensar num modelo de Estado que contemple um nível razoável de vida social, já que este país conta com um aparato político de assistência social quase exemplar. Mas, o que esperar dos Estados que, cada vez mais, privatizam em nome de uma política neo-liberal? Se a saúde e a educação deixam paulatinamente de ser responsabilidades do Estado, o que dizer do lazer e da cultura? O autor vê a saída num Estado forte, verdadeiramente democrático mas, não aponta como este Estado será construído – ou melhorado, como parece ser o caso da França. Ele dá pistas de que visualiza uma sociedade em que o dinheiro e os interesses econômicos não controlem a cena dos interesses coletivos. Que sociedade será esta?

A preponderância do econômico sobre o social na nossa sociedade não é a consequência inelutável dos progressos da ciência e da tecnologia: é uma escolha política de sociedade que poderia ser diferente. Se a economia de mercado corresponde à uma forma de troca econômica que cria formas de socialização e de cultura específicas, nenhum determinismo a força a se submeter ao economicismo. (p.40)

Contraditoriamente, Mothé diz que o tempo livre só será verdadeiramente livre para aqueles que podem pagar por ele, reduzindo liberdade ao poder aquisitivo. Será mesmo? Os ricos podem pagar por mais opções de lazer, mas isso não significa liberdade. Seu tempo livre não é e nunca será "verdadeiramente livre" sob a lógica do capital. Muito pelo contrário. Os ricos não são naturalmente melhores, sua cultura não é automaticamente melhor. Mothé demonstra não visualizar isso, o que provoca incômodo ao leitor que, como eu, busca a crítica pela raiz do problema de modo a ultrapassar as falsas aparências. O autor parece cair, em algumas partes de seu livro, na linha de pensamento que ele mesmo critica, que é o liberalismo.

Apesar de algumas inevitáveis limitações de qualquer texto que pretende ser crítico, é preciso reconhecer o mérito desta obra que traz à luz um aspecto ainda pouco explorado na literatura e no debate sobre lazer e tempo livre: a civilização do lazer como uma utopia. O livro nos mostra que não estamos vivendo as maravilhas que nos são propagadas pelo capitalismo. A civilização dos lazeres desenvolve-se paralelamente à civilização da pobreza e da barbárie. Existe uma considerável injustiça social que, se não for resolvida, não propiciará tempo livre a todos, pois não propiciará o acesso de todos aos bens comuns. *“Basta simplesmente colocar a utopia do tempo livre no contexto real de nossa sociedade onde a pobreza só aumenta para ver uma parte de seus charmes desaparecer.” (p.95)*

L'utopie du temps libre é, sem dúvida, uma leitura bastante recomendável para aqueles que estudam os temas do tempo livre, do lazer e da redução da jornada de trabalho nos tempos atuais.